

June 2021

Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade

Mônica Correia Baptista

Professora da Faculdade de Educação da UFMG

Camila Petrovitch

Estudante do Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG

Mariana Parreira Lara do Amaral

Estudante do Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.fiu.edu/led>



Part of the [Language and Literacy Education Commons](#)

Recommended Citation

Correia Baptista, Mônica; Petrovitch, Camila; and Parreira Lara do Amaral, Mariana (2021) "Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade," *Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir*. Vol. 1: Iss. 8, Article 2.

Available at: <https://digitalcommons.fiu.edu/led/vol1/iss8/2>

This work is brought to you for free and open access by FIU Digital Commons. It has been accepted for inclusion in Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir by an authorized administrator of FIU Digital Commons. For more information, please contact dcc@fiu.edu.

LIVROS DE LITERATURA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA: A QUESTÃO DA QUALIDADE

EARLY CHILDHOOD LITERATURE BOOKS: THE QUESTION OF QUALITY

Mônica Correia Baptista¹ • Camila Petrovitch² • Mariana Parreira Lara do Amaral³

Resumo

Este artigo visa refletir sobre qualidade na literatura infantil, concebendo-a como arte e elencando critérios para análise e seleção de obras. Ressalta-se o compromisso da escola, bem como de políticas públicas na garantia do direito das crianças à literatura de qualidade e na sua formação como leitoras. Consideram-se obras de qualidade aquelas cujos elementos textuais, imagéticos e paratextuais possibilitam ampliação das experiências de seus leitores. Propõe-se uma análise comparativa entre obras de literatura infantil, visando refletir sobre aspectos de qualidade textual, gráfica e temática (Paiva, 2016) que se sobressaem. Com base no referencial teórico, apontam-se elementos para orientar as escolhas de livros literários por professoras, priorizando aqueles que valorizam a experiência estética e possibilitam ampliação da imaginação e contribuem para a formação das subjetividades infantis.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Educação Infantil; Crítica literária.

Abstract

This article aims at discussing quality in children's literature, conceiving it as art and listing criteria for the analysis and selection of books. The article highlights the school's commitment and the public policies into ensuring children's right to quality literature and formation as readers. Quality works are considered to be those whose textual, imagery and paratextual elements make it possible to expand the experiences of their readers. A comparative analysis of children's literature books is proposed, aiming to discuss aspects of textual, graphic and thematic quality (Paiva, 2016) that stand out. Based on the theoretical framework, it points out elements that can guide the choices of literary books by teachers, giving priority to those that value aesthetic experience and enable the expansion of imagination and the formation of children's subjectivities.

Keywords: Children's Literature; Childhood Education; Literary criticism.

¹ Professora da Faculdade de Educação da UFMG

² Estudante do Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG

³ Estudante do Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG

Considerações Iniciais

Ao longo das últimas décadas, ainda que seja evidente, no Brasil, o salto qualitativo na produção de obras literárias para crianças, persiste a presença de livros de baixa qualidade textual e artística, em livrarias, bibliotecas e nas salas de aula. Via de regra, essas obras apresentam narrativas demasiadamente simples e despretensiosas, que ignoram as capacidades intelectuais e emocionais das crianças; contêm ilustrações estereotipadas, cujas imagens, redundantes e repetitivas, prescindem de autenticidade.

Somam-se, à questão da produção acima destacada, dificuldades nos processos de seleção das obras pelas professoras⁴. De um lado, são escassos os processos de escolha de acervos que contam com a participação das próprias docentes. Por outro lado, são igualmente escassos, nos cursos de formação inicial e continuada, conteúdos voltados para a formação das professoras como mediadoras e promotoras de leitura literária junto a bebês e demais crianças pequenas. Apenas para se ter uma ideia, Baptista, Machado e Belmiro (2015), em breve consulta a programas de ensino de cursos presenciais de Pedagogia, revelam que, em 39 universidades federais brasileiras investigadas, apenas 17 delas possuíam disciplinas obrigatórias de literatura, nas suas propostas curriculares ou nos seus respectivos planos de curso.

Ao problematizarmos os processos de seleção de livros para crianças, uma questão se coloca de maneira premente: o que consideramos como sendo livros infantis de qualidade?

De acordo com Corrêa (2008, p. 93), livros de qualidade são obras que "levam o leitor a pensar, enquanto as leem, ou provocam nele o encantamento próprio às experiências com a arte – que é a chamada fruição estética". Martha (2011, p. 49) também argumenta que é a definição de um texto como arte que determina sua qualidade.

Nas palavras da autora: "[...] o primeiro requisito da produção literária para crianças e jovens é que seja arte, literatura em sentido lato, cujo compromisso primeiro se manifeste com a iniciação da criança na experimentação do prazer estético".

Essa abordagem, que vincula a qualidade à construção artística do texto, é especialmente importante para contrapor uma noção pragmática da literatura, ainda bastante presente nas instituições escolares.

Tendo em vista a noção de que a literatura é arte e que, como tal, assume importância basilar na constituição das subjetividades, a discussão sobre os critérios empregados na seleção de obras literárias para crianças se faz urgente. Como escolher livros que contribuam para que os leitores mirins ampliem suas experiências, exercitando a alteridade e a empatia que a ficção literária, a poesia e outras formas de arte propiciam? Esse que, para Candido (2011), é um processo de humanização que se converte no desafio de fazer valer o direito inalienável de todo ser humano à fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis (Candido, 2011, p. 193).

Considerando a responsabilidade da escola em fomentar o prazer da criança pela leitura literária e a necessidade de formação continuada para a ampliação e ressignificação de saberes docentes, este texto visa refletir sobre qualidade na literatura infantil, elencando critérios para a análise e a seleção de obras para a infância.

Os Livros e a Formação do Leitor de Literatura

A presença de livros de literatura nas instituições brasileiras de Educação Infantil vinha se tornando algo cada vez mais corriqueiro, sobretudo em decorrência do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE⁵. De acordo com a proposta desse

⁴Ainda que se reconheça a existência de professores do sexo masculino, na educação infantil brasileira, sabese que mais de 96% das profissionais que atuam como docentes, nessa etapa da educação básica, são mulheres. Em consideração a esse fato, optamos pelo genérico feminino, de maneira que os homens se sintam incluídos sempre que, neste texto, forem mencionadas essas profissionais.

⁵O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, realizava a distribuição de obras de literatura, de pesquisa e de referência, para escolas públicas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, tanto para o ensino regular quanto para a educação de jovens e adultos.

Programa, as compras destinadas às creches e pré-escolas aconteciam a cada dois anos, tendo se iniciado em 2008. Ocorreram, assim, quatro processos de compra e distribuição de livros para a Educação Infantil – 2008, 2010, 2012 e 2014. Nesse interstício, entre 2008 e 2014, foram distribuídas 360 obras literárias para cada creche e pré-escola pública brasileira.

Em 2016, houve a interrupção do Programa e, em 2018, o governo federal redimensionou o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, que passou a ser chamado PNLD 2018 Literário (Edital de Convocação 02/2018 – CGPLI). Foram selecionadas, aproximadamente, 150 obras, das quais as instituições poderiam eleger 45, sendo 20 para turmas de creches e 25 para turmas de pré-escola.

No governo atual, mandato 2019/2022, por meio do Decreto Nº 9.765, de 11 de abril de 2019, instituiu-se a Política Nacional de Alfabetização, que, no seu inciso XI, do artigo 8º, estabelece-se que um dos programas, ações ou instrumento para implementação dessa Política deverá incentivar “[...] a produção e a edição de livros de literatura para diferentes níveis de literacia” (Brasil, 2019). Em 2020, o Edital 02/2020 convocou editoras de todo o Brasil para inscreverem obras de literatura infantil, obras didáticas para crianças e suas professoras e obras pedagógicas de preparação para alfabetização. Apesar de alterações significativas nos critérios de seleção das obras de literatura infantil, critérios esses comprometidos com uma concepção pragmática da literatura, importa ressaltar que o PNLD 2022 deu prosseguimento às políticas de compra e de distribuição de livros para as instituições de Educação Infantil.

Ainda que consideremos a importância das políticas do livro, sem as quais as obras literárias não chegariam às instituições escolares na quantidade e com a qualidade desejadas, sabemos que, além de assegurar a distribuição maciça de livros de maneira sistemática e ininterrupta, é fundamental que ela se faça acompanhar de um inves-

timento na formação de mediadores de leitura. Bons mediadores devem reconhecer a qualidade dos livros para que possam atuar de maneira competente na formação do leitor de literatura.

Como vimos, oferecer literatura para crianças de zero a seis anos é proporcionar experiências artísticas importantes. Nesse sentido, não basta que o livro literário esteja endereçado às crianças. É preciso que ele seja capaz de despertar o encantamento e fomentar a imaginação. Reys (2010), ao afirmar a importância do contato das crianças, desde bem pequenas, com o livro, ressalta que essa aproximação deve ocorrer por meio de uma literatura infantil de qualidade, proporcionando a elas uma “fonte de nutrição” emocional e cognitiva, para que recorram a ferramentas mentais e simbólicas que as ajudem a organizar o fluxo caótico dos acontecimentos.

Os contatos frequentes com livros, em casa e na escola, mediados por adultos ou leitores mais experientes, contribuem para que, cada vez mais cedo, as crianças se desenvolvam como leitoras autônomas, compreendendo não apenas as formas de usar e manusear o livro, mas, sobretudo, arriscando construções de sentidos. Para que as crianças vivenciem uma formação leitora eficaz, é importante que, desde bem pequenas, tenham contato com livros de qualidade e participem de mediações literárias significativas. De acordo com Sánchez (2015), obras de qualidade suscitam nas crianças “perguntas e buscas de diversas respostas, participação fervorosa e ativa na construção pessoal de significados e rica troca de interpretações em um ambiente de emoções e descobertas.”⁶ (Sánchez, 2015, p.122, tradução nossa)

A defesa de que textos de qualidade pressupõem considerar as crianças como seres inteligentes e competentes encontra respaldo na afirmação de Fittipaldi (2008, p. 119) de que “as crianças têm visão crítica suficiente [...] para saber como estão consideradas, se estão tratando-as com condescendência ou com respeito e admiração por suas

⁶ “Preguntas y búsqueda de diversas respuestas, ferviente y activa participación en la construcción personal de significados, y rico intercambio de interpretaciones en un ambiente de emociones y descubrimientos” (Sánchez, 2015, p. 122).

inteligências e sensibilidades." Por isso, um importante critério para orientar a seleção de obras literárias diz respeito à forma como o livro concebe as crianças. A obra aposta em uma visão de criança como ser potente, que suporta desafios e complexidades, ou, ao contrário, possui uma visão subestimada da infância, ao utilizar linguagem exageradamente infantilizada e textos dotados de explicações óbvias e modulações de comportamento?

Considerando o exposto, podemos nos perguntar como realizar escolhas de livros de literatura para crianças de zero a seis anos, garantindo a elas ampliação das suas experiências estéticas e colaborando com sua formação como leitoras de literatura.

Paiva (2016), ao destacar três aspectos a serem observados na avaliação de livros de literatura para crianças, nos ajuda a responder a essa indagação. Em primeiro lugar, a qualidade textual; em segundo lugar, a qualidade temática e, finalmente, o projeto gráfico. Importante destacar que, para se atingir a almejada qualidade, essas três dimensões precisam estar integradas em uma concepção ou proposta estética. Em uma análise de obras literárias, é a relação entre esses três aspectos que define a qualidade, como veremos a seguir.

A qualidade textual refere-se à estrutura da narrativa, verbal e/ou imagética e aos aspectos estéticos: o vocabulário, o estilo, o uso das figuras de linguagem, a construção dos personagens, a escolha do léxico e da sua ordenação nas frases. Ou seja, o livro deve ser composto por uma narrativa que faça sentido para a criança e desperte seu interesse e desejo pela história, sem menosprezar suas capacidades de interpretação.

O segundo aspecto refere-se à qualidade temática, que "se manifesta na diversidade e no tratamento dado ao tema, no atendimento aos interesses das crianças, aos diferentes contextos sociais e culturais em que vivem e ao nível de conhecimento prévio que possuem" (Paiva, 2016, p.34). Para a pesquisadora, é importante pensar em

temas que interessem às infâncias, e não a uma infância específica, moldada segundo as expectativas dos adultos.

Por fim, a qualidade gráfica se revela em um projeto editorial atraente, desafiador e enriquecedor, que articula a capa e contracapa, as ilustrações, os paratextos, as diferentes linguagens presentes e os demais recursos gráficos, brincando com as convenções. Essas qualidades se aplicam também ao caráter estético das ilustrações e do próprio objeto livro. Imagens desafiadoras, não padronizadas e não estereotipadas, mas sim originais, sugestivas, significativas, complexas são elementos essenciais para assegurar qualidade. Imagens que deixem espaço para que as crianças possam pensar, empreender reflexões, estabelecer conexões, divagar, imaginar e, com isso, transcender as próprias imagens que têm diante de seus olhos. (Borba & Mattos, 2011, p. 216)

Experimentando Critérios de Qualidade

Neste tópico, buscaremos ilustrar, por meio da comparação entre obras infantis, alguns elementos acima elencados. Essa comparação visa proporcionar uma reflexão sobre os aspectos de qualidade que se sobressaem, quando analisamos obras que se assemelham em algum aspecto. É importante ressaltar que não vislumbramos esgotar os critérios de análise, mas sim, apontar aspectos que possam orientar as escolhas de livros literários por professoras, embasadas no nosso referencial teórico.

Contos Clássicos: as Mil e uma Versões

São muitos os livros disponíveis no mercado que apresentam adaptações de contos clássicos. Dessa infinidade de ofertas, há uma parcela comprometida com a arte e a infância e outra na qual o interesse mercadológico se sobrepõe a esse compromisso. Para exemplificar, analisaremos duas edições do clássico *Chapeuzinho Vermelho*, nos seus aspectos textuais, imagéticos, e também em relação ao projeto gráfico.



Fig. 2 Capa do livro *Chapeuzinho Vermelho*, editora Ciranda Cultural. 2018.

O primeiro livro, uma adaptação do conhecido clássico *Chapeuzinho Vermelho*, sem menção à autoria, foi publicado pela Editora Ciranda Cultural em 2018 e contém 16 páginas. A capa do livro traz, em destaque, uma representação colorida, com aplicações brilhantes nas partes em vermelho, da personagem *Chapeuzinho Vermelho*. Em segundo plano, mostra o caminho percorrido pela menina e parte do corpo do lobo, que se insinua, escondido entre as árvores da floresta. O livro possui um corte diferenciado nas bordas das folhas, o que vale tanto para a capa quanto para as folhas do miolo. Importante observar que esse formato, bastante utilizado em edições desse tipo, não dialoga com o conteúdo do livro, com a narrativa e, portanto, constituindo-se como mero detalhe.

Nessa publicação, texto verbal e ilustrações não mostram uma integração ou um diálogo que



Fig. 3 Páginas do livro *Chapeuzinho Vermelho*, da Editora Ciranda Cultural. 2018.

amplie a produção de sentidos em relação à conhecida história. O texto verbal, como se pode ver no exemplo abaixo⁷, se atém a fatos da história, sem lançar mão de estruturas ou expressões de suspense, medo ou outras que possibilitariam à criança um maior envolvimento emocional ou afetivo com a narrativa. As ilustrações são compostas por imagens computadorizadas, sem investimento artístico, que reproduzem representações estereotipadas dos personagens. A composição é bem simples, e, apesar de contar com cores diversas, não explora tonalidades e efeitos de luz e sombra. A mesma imagem do lobo, com características e traços humanos, é usada para todas as cenas, com pequenas variações.

Embora saibamos que os contos tradicionais ou clássicos se alteram no seu percurso histórico de leituras – as versões de Perrault e dos irmãos Grimm atestam isso –, o modo como o texto clássico, nesse livro, não oferece elementos que façam dele uma adaptação que se aproxime de importantes versões que a antecederam ou de outras mais atuais. Inexpressivos do ponto de vista da linguagem, o texto e as ilustrações não desafiam a participação da criança na construção de sentidos. A experiência de estar só em uma floresta, em um mundo desconhecido, a necessidade de tomar decisões e assumir atitudes, os medos, as tensões que se criam no encontro da

7) "A menina se despediu de sua mãe e foi cantando em direção a casa de sua avó. No caminho, ela acabou se esquecendo de tudo o que sua mãe havia recomendado e, ao se deparar com lindas flores coloridas, pensou que também a sua avó pudesse gostar de recebê-las. Enquanto colhia as flores, o lobo mau apareceu."

criança com essa figura amedrontadora do lobo, e tantos outros elementos se apagam nessa narrativa, que afasta um envolvimento mais efetivo da criança e a faça deslocar-se para a situação ficcional.

Podemos supor que essa "higienização" tenha sido intencional, corroborando com a concepção de que as crianças devem ser protegidas, restringindo seu contato a narrativas consideradas leves, suaves e com finais felizes, sem que as personagens enfrentem, ao longo da narrativa, situações de conflito ou algum tipo de desconforto emocional.

Cabe ressaltar que este livro integra uma coleção de contos clássicos, na qual todas as demais publicações apresentam as mesmas características. Trata-se de um protótipo de adaptações de textos de contos tradicionais, que circulam no mercado e que se distanciam daquilo que nos esforçamos em definir como sendo uma literatura de qualidade.

Vejamos a seguir outra publicação do mesmo conto, *Chapeuzinho Vermelho*, que traz também *O príncipe-Rã ou Henrique de ferro*. O livro integra uma coleção publicada pela editora Ática, denominada Contos de Grimm, composta de 12 volumes. Segundo informa um dos textos da quarta capa, a coleção "[...] é uma seleção dos mais belos contos de fadas recolhidos da tradição popular alemã pelos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm". Também informa-se, no paratexto da quarta capa, que todos os volumes são ilustrados por Anastassija Archipowa, professora de artes e experiente ilustradora russa e, ainda, com textos em português de Maria Heloisa Penteado, consagrada autora brasileira de livros para crianças.

A qualidade da obra já se faz notar na capa, na qual se reproduz parte de uma das ilustrações contidas no miolo do livro. A imagem representa o momento em que Chapeuzinho se depara, na floresta, com o antagonista da história. Há elementos na ilustração que evidenciam sua originalidade e, por sua intensidade dramática, abre possibilidades significativas para os leitores. Desde os tons da floresta aos trajes da personagem principal, os elementos

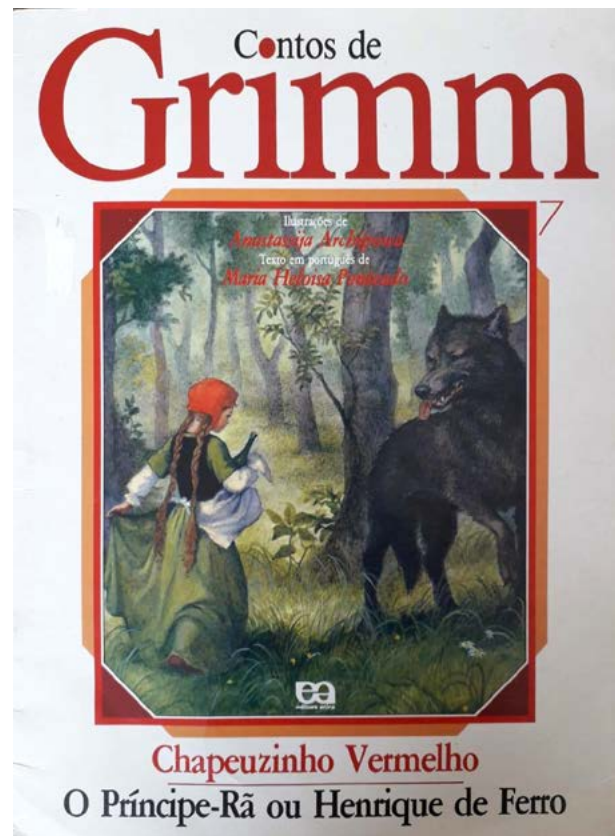


Fig. 4 – Capa do livro *Chapeuzinho Vermelho/O príncipe-Rã ou Henrique de Ferro*, da Editora Ática.

nos remetem ao momento histórico (início do século XIX) no qual os irmãos Grimm publicaram esse conto de tradição oral, corrente entre camponeses de toda a Europa desde tempos imemoriais. Ao lobo é assegurada sua condição de animal selvagem, sem antropomorfismos, opção que confere mais dramaticidade à ilustração. Com a boca semiaberta, a língua entre dentes, sua altura ultrapassando a da inocente criança para a qual ele lança seu olhar faminto, suscita, no leitor, a sensação de pavor que, como sabemos, permeará a narrativa. Enfim, há no encontro da menina com o lobo uma tensão que cada criança preencherá a sua maneira ao lidar com o perigo, o desconhecido, o medo.

O texto verbal não economiza os acontecimentos, nem tampouco simplifica expressões, assegurando ao pequeno leitor o contato com um léxico diversificado, diferente do discurso fático, do relato do cotidiano. Dessa forma, o texto verbal amplia as experiências estéticas do leitor, como pode ser comprovado no trecho a seguir:

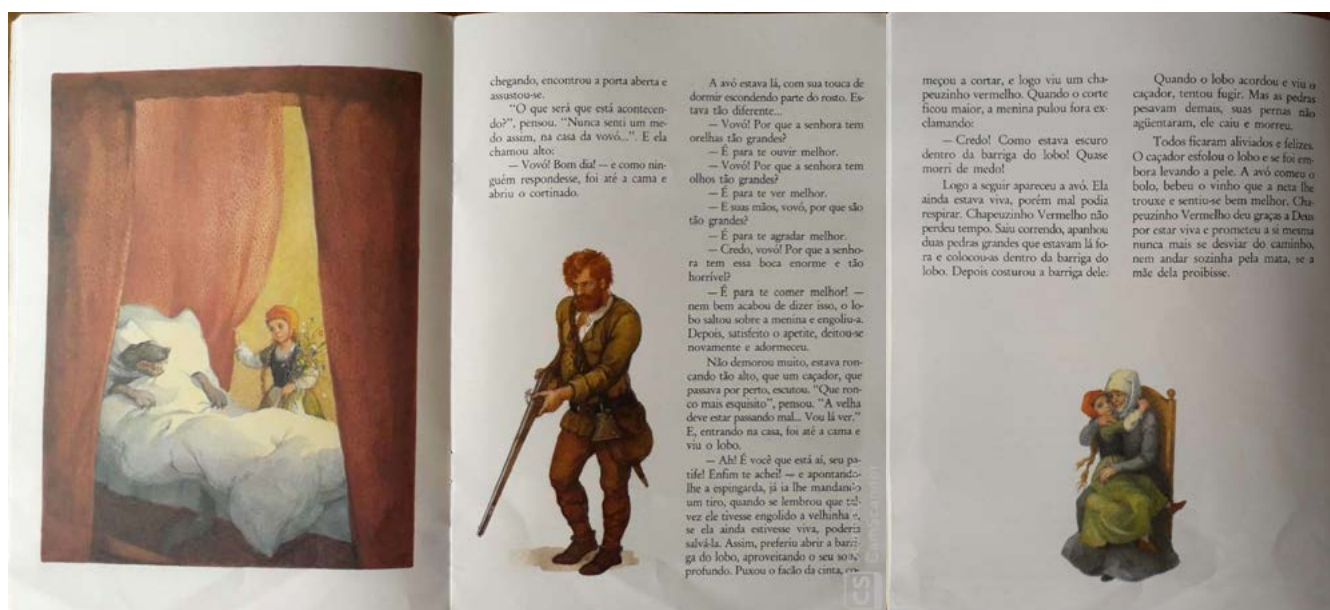


Fig. 5 – Páginas do miolo do livro *Chapeuzinho Vermelho/O príncipe-Rã ou Henrique de Ferro*, da Editora Ática.

Chapeuzinho Vermelho olhou para cima, viu o Sol piscando ao atravessar a irrequieta ramaria, fazendo cintilar as flores de tão variadas cores que havia por ali, e pensou: “A vovó bem que gostaria de ganhar um ramo de flores fresquinhas... vou colher algumas... ainda é cedo, tenho tempo de sobra... E, deixando o caminho, entrou na mata. Sempre que apanhava uma flor, avistava mais ao longe outra mais bonita, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando pela floresta” (Penteado, 2004, p. 4).

O livro conta com um projeto gráfico simples (capa mole, papel offset, apenas 16 páginas), mas ao mesmo tempo esmerado. As relações entre as manchas de texto, os espaços em branco e as ilustrações constroem uma relação harmoniosa, que convida à apreciação e à leitura.

Finalmente, ainda em relação ao projeto gráfico, há que se destacar a importância dos elementos paratextuais para a formação dos pequenos leitores. Na quarta capa são veiculadas informações biográficas sobre autora e ilustradora. Conhecer o livro como um objeto cultural, saber identificar os elementos pré-textuais e pós-textuais, constituir um repertório autoral, que permita

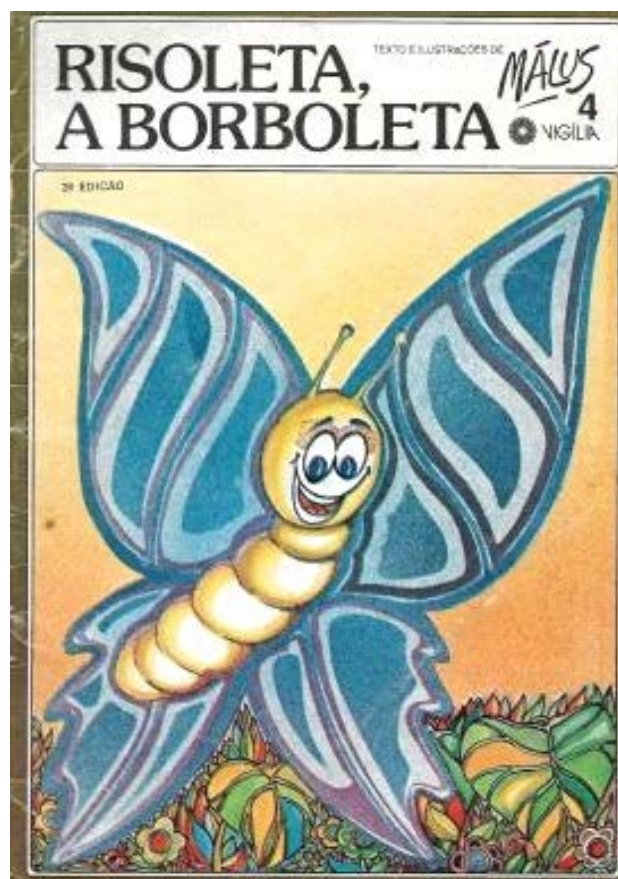


Fig. 6 – Capa do livro *Risoleta, a Borboleta*, escrito e ilustrado por MÁLUS, da editora Vigília, 1986.

eleger preferências de autores, de ilustradores, de editoras são também requisitos para a constituição da autonomia da criança como leitora.

A Metamorfose da Lagarta: Paradidático ou Literário?

A metamorfose pela qual passa a lagarta para se transformar em borboleta é um assunto recorrente na Educação Infantil. Muitas obras destinadas à infância abordam essa temática, que se revela como fonte de interesse constante das crianças pequenas, possivelmente pela identificação resultante das inúmeras mutações por que passam nessa fase da vida.

O livro *Risoleta, a borboleta*, da editora Vigília, tem texto e ilustrações de Málus, e foi publicado pela primeira vez, em Belo Horizonte, no ano de 1981. Em cores suaves, a capa traz a imagem da borboleta em um jardim, encabeçada pelo nome do livro, do autor e da editora. Não se observa, além da ideia de representação da personagem, nenhum outro elemento que suscite o interesse pela narrativa sobre *Risoleta, a borboleta*. O livro conta com 12 páginas e todas apresentam texto acompanhado de ilustração. As ilustrações do miolo são em preto e branco, contendo imagens de uma lagarta e de uma borboleta, que remetem às antigas matrizes mimeografadas, bastante presentes no universo escolar e, décadas passadas, feitas para colorir. Essas ilustrações ocupam invariavelmente uma única folha e ilustram aquilo que é relatado pelo texto verbal, sem acrescentar novos elementos ou ampliar significativamente as experiências estéticas do leitor

O livro narra o percurso de uma borboleta, que se inicia no ovo, preso a uma folha; continua com sua transformação em lagarta; se estende até a construção do casulo e finaliza-se com sua transformação em borboleta⁸.

A obra *Risoleta, a Borboleta* é parte de uma coleção de cinco títulos, todos eles comercializados no mercado como livros de literatura. Entretanto, o que se percebe é o caráter didático presente na narrativa desse livro, assim como nos demais da



Fig. 7 – Páginas do livro *Risoleta, a Borboleta*

coleção. A diferença entre textos literários e textos didáticos pode ser melhor compreendida se nos apoiarmos nas formulações teóricas de Paulino (2003, p. 43). Ao se propor a descrever os diversos tipos de "narrativas que compõem os universos textuais infantis e juvenis", a pesquisadora assevera que toda narrativa traz uma "proposta básica de ação interlocutória". Tal proposta nem sempre aparece isoladamente em um texto, mas sim mesclada a outras, que convergem ao buscarem cumprir o propósito dominante do texto. Assim, as três propostas básicas de ação interlocutória das narrativas, identificadas por Paulino (2003), são a: pragmática, a ficcional e a informativa. A pesquisadora explica que as três propostas podem coexistir em um único texto, mas que, sempre haverá uma proposta básica, que faz confluir todas as outras com vistas a cumprir o propósito pretendido.

⁸ Texto das páginas da figura 7: 1) "Foi então que a larvinha descobriu que podia fabricar um fio parecido seda. E começou a tecer um ovo para se entocar nele." 2) "Teceu um ovo bonito e quentinho." 3) "E dentro do ovo ficou, até que se cansou. - Ah, que saudade do sol, do céu, do verde e das flores! Eu vou é sair - ela falou." 4) "E saiu: mas bem diferente. Estava colorida. Tinha virado borboleta: *Risoleta, a borboleta*."

No caso do livro *Risoleta, a Borboleta*, a proposta básica de ação interlocutória é a de veicular informações acerca do processo de metamorfose pelo qual passam as borboletas. Apesar de contar com uma narrativa ficcional, a mesma é utilizada apenas como recurso para se ensinar as fases de transformação desse inseto e não exatamente levar os seus leitores à fruição estética. Como esclarece Paulino (2003, p. 46), esse tipo de estratégia se configura em uma proposta pragmática de recepção, que assume uma “[...] atitude pedagogizante, pragmática, que tenta converter a narrativa artística em um artefato de utilidade imediata”. Esse gênero, segundo a autora denominado paradiático, “[...] anula a experiência estética, trocando-a por outro tipo de interlocução escrita, que pode ser muito interessante para alguns professores e pedagogos, mas que afasta os jovens da proposta ficcional propriamente dita”. *Risoleta, a Borboleta* é apenas aparentemente uma história, uma narrativa ficcional. Na verdade, trata-se de um texto que deixa pouca margem para o imaginário, para a fantasia, para a fruição do pequeno leitor.

Abordando o mesmo tema da metamorfose da lagarta, o livro *Uma Lagarta muito comilona*, de Eric Carle, da editora Callis, possui outra proposta estética. Podemos afirmar que este livro, lançado pela primeira vez em 1969 e tendo chegado ao Brasil apenas em 2012, é um clássico da literatura infantil. A versão lançada em 2019, em comemoração aos 50 anos da obra, possui 24 páginas cartonadas e formato pequeno (18cm x 12,7cm).

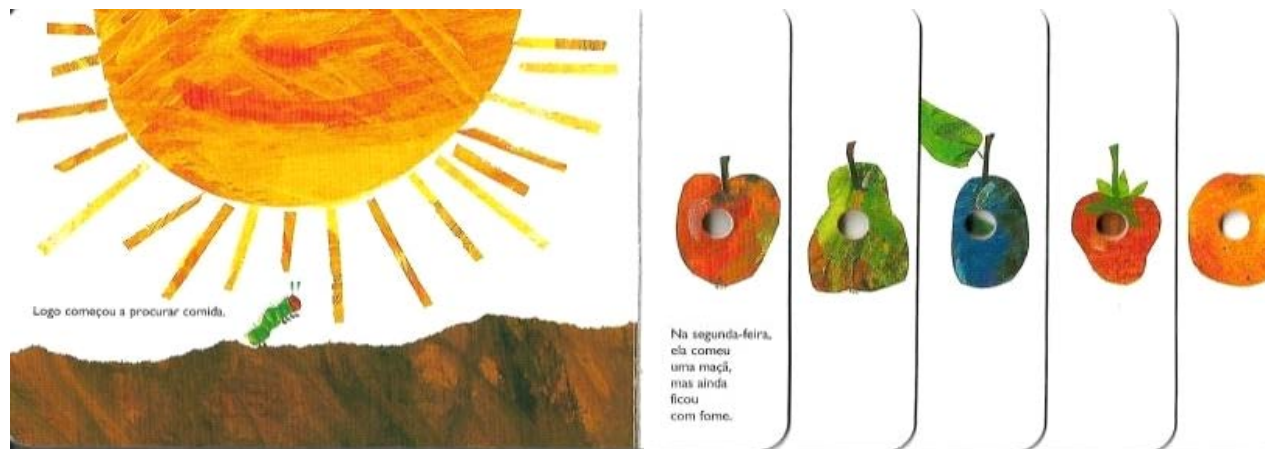


Fig. 9 – Páginas do livro *Uma Lagarta muito comilona*, de Eric Carle.



Fig. 8 – Capa do livro *Uma Lagarta muito comilona*, de Eric Carle, 2012.

Assim como *Risoleta, a Borboleta*, o livro *Uma lagarta muito comilona* narra o percurso de uma larva até se transformar em borboleta. Entretanto, essa metamorfose é explorada por meio de um projeto gráfico ousado, que conta com recortes diferenciados de páginas e com furos, que atravessam, ao longo da obra, ilustrações de frutas e outros alimentos, sugerindo o trajeto feito pela lagarta.

O projeto gráfico, criativo e arrojado, é atrativo para qualquer leitor, mas especialmente para os bebês, tanto por seu formato pequeno, que facilita seu manuseio, quanto pelo material cartonado, que permite explorações de crianças que se encontram em plena fase oral. A lagarta faminta parte em busca de comida. Na segunda-feira, atravessa mastigando uma maçã, mas continua com fome. Na terça-feira, atravessa mastigando

duas peras, mas continua faminta. Na quarta-feira, três ameixas; na quinta-feira, quatro morangos; na sexta-feira, cinco laranjas. Muito já se disse sobre o quanto a estrutura cumulativa, presente em histórias infantis, agrada aos mais pequenos. Rapidamente as crianças memorizam as sequências e se sentem seguras e confiantes para repetir incansavelmente as histórias. Essa repetição, longe de ser maçante, é plena de recriações e de apropriações, que serão fundamentais para a formação do pequeno leitor.

O projeto gráfico primoroso acrescido da delicadeza do texto são recursos que não apenas colaboram com as apropriações sobre o funcionamento das narrativas, mas sobretudo apoiam as crianças nas suas construções sobre os sentidos da vida.

Nas palavras do autor:

Meus amigos e editores têm se perguntado por que *Uma lagarta muito comilona* faz tanto sucesso. Levei muito tempo, mas acho que é um livro sobre esperança. As crianças precisam de esperança. Você, lagarta pequena e insignificante, pode virar uma bela borboleta e voar pelo mundo com seu talento. Um dia serei capaz disso? Sim, você será. Acho que esse é o apelo do livro. Eu deveria saber. Afinal, escrevi o livro⁹.

Sobre valores humanos: abordagem moral ou literária?

Perpassando os discursos sociais, observa-se uma crescente preocupação com a formação do caráter das crianças via literatura. Atribui-se aos livros o poder de educar as crianças, tornando-as pessoas íntegras, respeitadas e em perfeita capacidade para o exercício da vida social. Vejamos a seguir duas publicações que nos ajudam a refletir sobre essa perspectiva.

A primeira publicação é o livro *O que cabe no meu mundo: Gratidão*, de Janayna Alves Brejo, editora

Cedic, publicado em 2011. Na capa do livro, não constam indicações sobre os autores e ilustradores. Essas informações são veiculadas na segunda capa que traz a ficha catalográfica e também na quarta capa.

A obra integra uma coleção denominada *O que cabe no meu mundo*, sobre virtudes humanas. Além do título *Gratidão*, a coleção possui inúmeras outras publicações e, em todas elas o protagonista é sempre o mesmo personagem principal: um urso marrom, de jardineira azul e camisa vermelha.

É de se supor que as temáticas e suas respectivas abordagens tenham proporcionado grande sucesso de venda, pois, uma breve visita a sites de busca na internet revela três ou quatro coleções contendo dezenas de publicações cada uma, com títulos como: Bondade, Confiança, Cooperação, Dignidade, Disciplina, Entusiasmo, Ética, Sabedoria, Superação, Perdão, Generosidade e Educação. Uma das coleções se intitula "O que não cabe no meu mundo", com títulos como Rebeldia, Intolerância, Injustiça, Desigualdade etc. Talvez, no rastro do sucesso das primeiras coleções, essa inaugure nova onda de

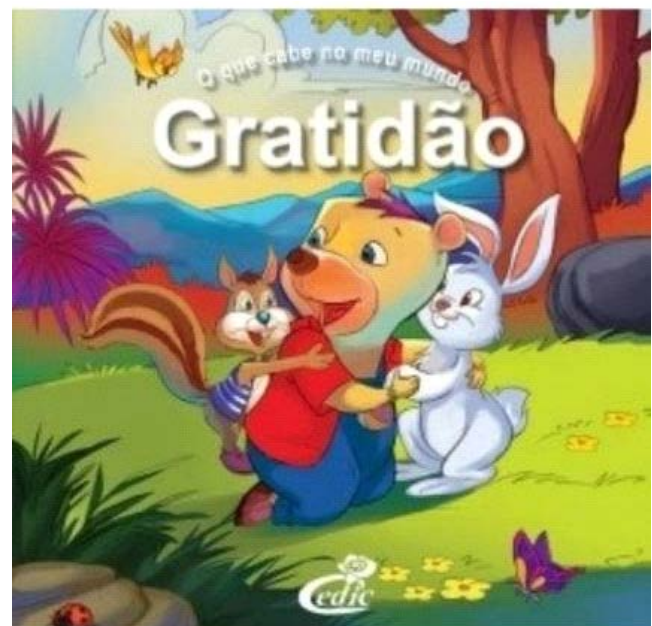


Fig. 14 – Capa do livro *O que cabe no mundo: Gratidão*, escrito por Janayna Alvez Brejo, da editora Bom Bom Book, 2011.

⁹ Disponível em Leiturinha comemora 50 anos de Uma Lagarta Muito Comilona com Coleção de Livros especial | Blog Leiturinha Acesso em 18 de abril de 2020.

publicações que trabalharão com os antagonismos dos valores presentes nas primeiras coleções.

Na quarta capa do livro, além das informações sobre autoria, são reproduzidas as capas de outros nove títulos da coleção. Há ainda um texto explicando o que o sentimento de gratidão provoca e por que é fundamental ensiná-lo às crianças. Na quarta capa, consta ainda a seguinte frase dirigida aos familiares das crianças: "Ajude seu filho a aprender virtudes lendo divertidas histórias. Ao final do livro, você vai encontrar importantes conselhos escritos por um psicólogo". Esses textos, acrescidos do que se destina aos pais e educadores, elaborado por um psicólogo, revelam a preocupação central da publicação: operar mudanças de comportamento nos leitores, o que, como vimos acima, caracteriza a proposta pragmática, descrita por Paulino (2003, p. 43).

Essa proposta pragmática, ou proposta básica de ação interlocutória da narrativa, não se restringe aos textos direcionados aos mediadores, mas se faz presente também na composição da obra como um todo. O livro é um compilado de frases escritas em caixa alta sobre "ser grato", indicando diversas situações e prescrevendo como devemos agir em cada uma delas (sendo sempre gratos).

As ilustrações possuem traços estereotipados e apresentam uma visão unilateral da cena representada. As cores merecem uma discussão à parte. Qualquer que

seja a cena retratada, são empregadas sempre as mesmas cores quentes, sem que haja uma preocupação com o momento psicológico dos personagens ou com o contexto narrado. Comportam-se como adereços meramente decorativos, desprovidos de autoria. Não se observa, por exemplo, um uso intencional de fatores tais como cor, luz e perspectiva na busca de se construir o drama narrativo. A ausência de propósito artístico remete à computação gráfica, o que de fato se confirma na referência bibliográfica da autoria das ilustrações, na qual consta a palavra Aadarsh, nome de uma empresa internacional especializada em serviços de publicação, impressão, animação¹⁰. O protagonista, um urso marrom, em quase todas as cenas apresenta a mesma face sempre sorridente, independentemente do enredo.

Livros como os dessa coleção coadunam-se com "a ideia de que literatura moral pode produzir bons cidadãos" (Tatar, 2004, p.11). Entretanto, literatura é arte e como tal deve provocar inquietações, detonar jogos de significações, excitar o imaginário, expandir experiências estéticas. Todos esses elementos pressupõem que o texto dê ao leitor liberdade para criar seus próprios sentidos. Isso não significa que não aprendemos sobre diferentes áreas do conhecimento humano quando lemos textos literários. Como afiança Barbosa:

[...] a literatura nunca é apenas literatura; o que lemos como literatura é sempre mais – é



Fig. 15 - Páginas do livro *O que cabe no mundo: Gratidão*, escrito por Janayna Alvez Brejo, da editora Cedec, 2011.

¹⁰ Disponível em <http://www.aadarsh.com/index.php> Acesso em 17 de nov. 2019.

História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária. Então, entre esses níveis de representação da realidade e sua textualização, seu aparecimento enquanto literatura, há um intervalo – mas é um intervalo, como na música, muito pequeno e que é preciso ser muito rápido para perceber. (Barbosa, 1994, p. 23)

Sabemos que o processo de desenvolvimento moral das crianças é complexo, exige reflexão constante sobre suas ações e a dos outros com os quais se relaciona. A literatura cumpre um papel fundamental ao nos colocar, por meio de um processo de identificação, diante de relações com outros sujeitos e, assim, nos incitar a tomar posição, decidir, escolher, sem maniqueísmos

Vejamos a seguir como um texto, por meio de jogos lúdicos e da criação de espaços ficcionais, abre possibilidades para o pequeno leitor vivenciar a realidade ficcional de maneira desafiadora e criativa.

Vai, você consegue! é um livro de Ole Könnecke, com tradução de José Feres Sabino. Publicado pela editora Brinque-Book, foi lançado no Brasil em 2012. Assim como no caso de "Uma lagarta muito comilona", essa obra de 36 páginas possui capa dura, formato quadrado, em dimensões menores que o tradicional, adequado para as mãos dos pequenos leitores.

O livro narra a história de um pássaro chamado Breno, que vive o desafio de saltar (para voar?) do alto do galho de uma árvore. As ilustrações são delicadas, contendo traços simples e tons suaves. O humor trabalhado tanto no texto verbal quanto nas imagens, acrescido da alegria presente na relação entre os personagens – elementos sutis que perpassam a narrativa –, aproximam o leitor do universo infantil.

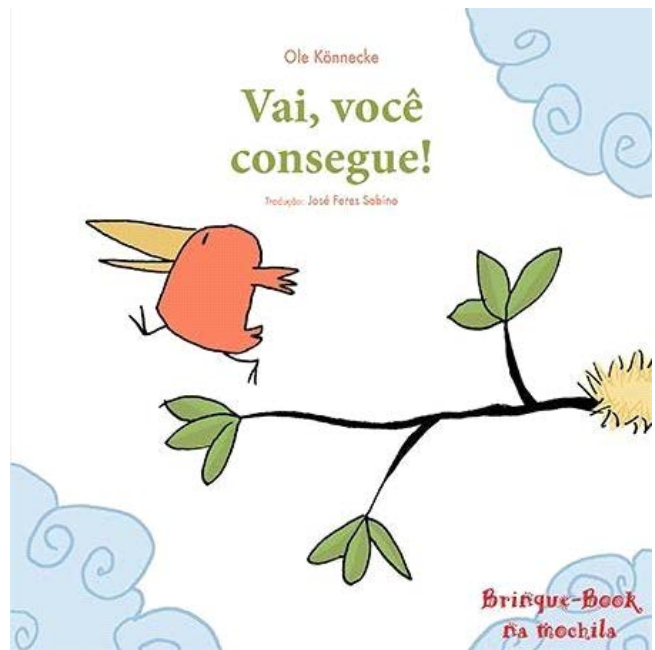


Fig. 16 – Capa do livro de Ole Könnecke, *Vai, você consegue!* publicado pela Brinque-Book, 2012.

A autenticidade das ilustrações, o diálogo entre o texto verbal e o imagético são elementos que contribuem para provocar surpresa e convidar o leitor a participar da construção de sentidos.



Fig. 17 – Páginas do livro de Ole Könnecke, *Vai, você consegue!* publicado pela Brinque-Book, 2012.

Acrescenta-se ainda a adequação do texto verbal, direto e curto, que contribui para manter o leitor interessado no mistério da narrativa. Breno conseguirá? O quê?

A sinopse do livro, presente na quarta capa, remete à temática da superação, da confiança em si e da perseverança: "Às vezes os desafios da vida parecem ser maiores do que nossa força e coragem. Nesse caso, só uma coisa ajuda: fechar os olhos e enfrentá-los. E quando então abrimos os olhos novamente, a vida de repente está muito mais bela".

O comportamento dos companheiros de Breno frente ao seu sucesso é exemplo de companheirismo e solidariedade. Entretanto, a harmoniosa relação imagem/texto verbal, o humor presente em ambos, a delicadeza das ilustrações, a composição da obra são os elementos que tornam possível a abordagem de uma temática relativa a valores humanos sem que se perca de vista o caráter literário da obra.

Considerações Finais

Ainda hoje uma "literatura" de cunho moral e didático se faz presente como ferramenta de disseminação de uma concepção de infância frágil, incompetente, desprovida de capacidade crítica, cujo comportamento precisa ser regulado e controlado por meio da inculcação de valores homogeneizantes. Sustenta-se uma pretensa ingenuidade infantil, com o argumento de que é preciso preservar a infância, evitando sua "contaminação" com as intempéries e vicissitudes do mundo adulto.

Esse tipo de livro visa a modelagem de comportamentos socialmente valorizados. Com esse propósito e a partir dessas perspectivas, encontram-se, no mercado editorial, livros repletos de informações e impregnados de explicações, porém, "faltosos daquilo que mais a infância necessita: metáforas e símbolos" (Brenman, 2013, p.144).

Em contraponto a esse tipo de produção estritamente instrucional e à concepção de infância nele imbuído, há que se conceber a literatura como fenômeno de criatividade, como arte e que, como tal, constitui um fim em si mesma.

A escola tem um importante papel na formação das crianças como apreciadoras da literatura como arte. Para tanto, é preciso que as crianças não apenas aprendam a selecionar livros, mas também a vivenciar a dimensão artística dos textos literários, a compreender os jogos propostos pelas narrativas e poesias e os elementos lúdicos e estéticos que os constituem.

Como esperamos ter demonstrado, uma seleção de livros de literatura infantil que contemple a dimensão artística na sua diversidade é uma das condições indispensáveis para se atingir esses objetivos. A aplicação de critérios de seleção, como buscamos evidenciar, é fundamental, quando se adota uma concepção de criança que respeita esses sujeitos em suas potencialidades.

Para finalizar, ensinar crianças a gostar de literatura é mostrar a elas o quanto as histórias e poemas podem ajudar a compreender e a viver a vida em toda a sua plenitude. E isso se aplica a qualquer criança, desde a mais tenra idade. Todas elas têm direito à literatura, e são capazes de desfrutar dos processos criativos, das construções simbólicas e de sentidos para a compreensão da existência humana – cada uma à sua maneira.

Referências

- Baptista, M. C., Belmiro, C. A. & Machado, M. Z. V. (2015). *Tertúlia literária: construindo caminhos para a formação literária de professores alfabetizadores na universidade*. (vol. 33, no. 1), Curitiba: Perspectiva.
- Barbosa, J. A. (1994). *Literatura Nunca é Apenas Literatura*. São Paulo: FTD.
- Borba, Â. M. & Mattos, M. S. de (2011). A leitura do livro de imagem com crianças de 0 a 6 anos: um convite à narrativa e à imaginação. In: Gonçalves, A. V. & Pinheiro, A. S. (Org.). *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. (1ª ed.) Campinas: Mercado de Letras, 205-225.
- Brasil. (2018). *Edital de convocação para processo de inscrição e avaliação de obras literárias para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2018 Literário*.
- Brasil. (2019) *Decreto nº 9.765 de 11 de abril de 2019*. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431 Acesso em: 18 de abril de 2020.
- Brasil (2020) *Edital de convocação para processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e pedagógicas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2022*.
- Brejo, J. A. (2011). *O que cabe no mundo: Gratidão*. Belo Horizonte: Cedec.

- Brenman, I. (2013). *A condenação de Emília: o politicamente correto na educação infantil*. Belo Horizonte: Aletria.
- Candido, A. (2011). O direito à literatura. In: _____. -. *Vários Escritos*. (5ª ed). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Carle, E. (2012). *Uma Lagarta muito comilona*. São Paulo: Callis.
- Chapeuzinho Vermelho. (2018). Jandira: Ciranda Cultural.
- Corrêa, H. T. (2008). Qualidade estética em obras para crianças. In: Paiva, A. & Soares, M. (orgs.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fittipaldi, C. (2008). O que é uma imagem narrativa? In: Oliveira, I. (Org). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL.
- Könnecke, O. (2012). *Vai, você consegue!* São Paulo: Brinque-Book.
- Piffer, P. (2019). *Leiturinha comemora 50 anos de Uma Lagarta Muito Comilona com Coleção de Livros especial. Blog da Leiturinha*. Disponível em <https://leiturinha.com.br/blog/leiturinha-comemora-50-anos-de-uma-lagarta-muito-comilona-com-colecao-de-livros-especial/> Acesso em: 18 de abril de 2020.
- Máhus. (1986) *Risoleta, a Borboleta*. Belo Horizonte: Vigília.
- Martha, A. Á. P. Qualidade na literatura infantil e juvenil: como reconhecer na prática da leitura? In: Oliveira, I. (org.). (2011). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o educador*. São Paulo: DCL, 47-64.
- Paiva, A. (2016). *Livros infantis: critérios de seleção – as contribuições do PNBE*. In: BRASIL. *Livros infantis: acervos, espaços e mediações*. Brasília, 13-49.
- Paulino, G. (2003) Diversidade de narrativas. In: Paiva, A. (Orgs.). *No fim do século: a diversidade. O Jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 39-59.
- Penteado, M. H. & Archipowa, A. (1992). *Chapeuzinho Vermelho/O príncipe-Rã ou Henrique de Ferro*. Coleção Contos de Grimm. São Paulo: Ática.
- Reyes, Y. (2010). *A casa imaginária: leitura e escrita na primeira infância*. São Paulo: Global.
- Sánchez, E. S. C. (2015). Organización de acervos: espacios para los libros y la lectura en la Educación Infantil. In: BRASIL. *Literatura na Educação Infantil: Acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015.
- Tatar, M. (2004). *Contos de fadas*. Edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



Artículo recibido: 29 de Marzo de 2021

Dictaminado: 14 de Abril de 2021

Aceptado: 21 de Abril de 2021